

Journal do Domingo

REVISTA UNIVERSAL

DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

ASSIGNATURA

PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR

Anno ou 52 numeroes.....	2\$500 réis
Semestre ou 26 numeroes.....	1\$300 "
Trimestre ou 13 ".....	700 "
Avulso.....	60 "

— ANNO I — 31 DE JULHO DE 1881 — N.º 24 —

GERENTE-PROPRIETARIO—AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO
Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º

ASSIGNATURA

BRAZIL

Anno ou 52 numeroes.....	1\$000 réis
Semestre ou 26 numeroes.....	4\$000 "
Trimestre ou 13 ".....	2\$000 "
Avulso.....	200 "

SUMMARY

Gravuras:— O Papa Leão XIII; A agulha de Cleopatra; A ponte do Tay; A partida para a cidade; Cadeira pontifical.
Texto:— Actualidades, por Pinheiro Chagas; As nossas gravuras; O domingo historico, por A. O.; Portugal velho, por Delfim d'Almeida; Horas de ocio; Atravez da Siberia, por Victor Tissot e Constant Amers; Correspondencia; Sobrezeza.



ACTUALIDADES

Não ha senão uma—o calor. N'elle se encerram todas as preocupações, todos os cuidados da população de Lisboa. Pedem-se carapinhadas pela manhã, à noite sorvetes ou *Niniche*, tudo o que haja de mais fresco, de mais decotado, de mais refrigerante. No seu zelo pelo bem estar dos cidadãos, o governo põe os jornalistas à sombra, e os empregados ao fresco. O governo aos poetas, se lhes não offerece limonadas, offerece-lhes pelo menos o Limoeiro, e, apesar d'isso, o republicanismos continúa a invadir-nos, e todos querem ser republicanos, não porque detestem a monarchia, não porque adorem a nova forma de governo, não porque queiram estar sem rei, mas porque querem estar *sans-culottes*.

N'esta ancia de fresco, Lisboa precipita-se para o Tejo? não; para o Passeio Publico! Coisa singular! n'estas noites de um calor tropical, quando a viração do Tejo ainda é a unica coisa suave que ahí anda por essas ruas, Lisboa volta-lhe as costas, e corre a sepultar-se no Passeio Publico, essa estufa gradeada a que Lisboa deve toda a sua semsaboria. Já o demonstrei ha muito tempo n'um livro que escrevi acerca de Madrid: se o genio de Lisboa contrasta de um modo notavel com o genio de Madrid, se nós somos uma cidade melancolica e Madrid uma cidade alegre, o motivo d'essa differença está unica e exclusivamente na differença dos passeios, está em que Madrid á tarde percorre aquelle Prado magestoso e scintillante, cheio de movimento e de vida, enquanto Lisboa se enclausura no nosso detestavel Passeio Publico.

O Passeio! ó Deus do céu! Nós somos a cidade das collinas, e fomos abrir o Passeio no nosso mais apertado valle, somos a rainha do Tejo, a cidade fluvial e maritima por excellencia, e fomos abrir o nosso Passeio a um kilometro do rio, tão longe que nem se podesse suspeitar a existencia de um rio, tão longe que nem ali podessem chegar os mais leves bafejos da celebrada brisa do Tejo!

Eu por mim declaro: tenho odio ao Passeio Publico, torno-o responsavel por todos os discursos massadores que se pronunciam na camara, por toda a rhetorica dos meetings, por todas as violencias das eleições, pelos exames dos lyceus, pela *Traição* do sr. Gomes Leal, e pelos artigos do *Século*. O quel pois cuidam que é impunemente que um homem, depois de jantar, quando está fazendo a sua digestão, quando tem o cerebro um pouco *émoustillé*, pelos fumos de uma taça de champagne ou de um calice do Porto, quando se sente alegre, expansivo, feliz, capaz de amar a humanidade e de fazer obras primas; de ser Camões ou de ser Curcio, cuidam que é impunemente que se vai submergir no Passeio Publico, entre umas arvores decorativas, que as camaras municipais entregam por inventario umas ás outras, entre dois renques de bicos de gaz, respirando uma atmospheria saturada das exhalações do suor de um milhar de pessoas, não vendo senão uma nesga de céu, não sentindo senão um extracto de brisa!

Cuidam que é impunemente que um homem ouve depois de jantar a Batalha de Inkermann, e que passeia a sua digestão macambusia entre o tanque do norte e o monumento dos restauradores? Não, não é; no segundo giro pelo Passeio está-se irremissivelmente idiota, rabugento, res-

mungão, vê-se tudo por um prisma falso, descre-se da patria, da mocidade, do futuro, da poesia. Entrou-se no Passeio com o cerebro soffrivelmente organizado, sae-se com o cerebro em dissolução.

E enquanto o Passeio Publico assim perpetua a sua obra devastadora, o Tejo vê-se separado da cidade por uma barreira inultrapassavel, a Praça do Commercio com o seu eterno rei D. José, que vem a ser ainda assim a unica pessoa em Lisboa que se diverte n'estas noites calmosas de julho, pelo Aterro com as suas febres. Estabelece-se um divorcio absoluto entre o Tejo e a cidade. O Tejo corre murmurante, levando nas suas aguas um turbilhão de pequenas estrelas, embalando os barcos negreantes, batendo debalde com um modo supplicante e humilde nas paredes dos cães desertos, enquanto ao longe a cidade se apinha no Passeio Publico, preferindo os figos do sr. Gaspar ao concerto suave das aguas e da brisa, a luz do gaz municipal ao doce clarão da lua ou das estrelas, e o calor suffocante d'essa estufa central á frescura deliciosa da borda do rio.

São as febres, bem sei, são os esgotos, não duvido, mas em todo o caso, sejamos praticos. Se o Tejo não nos serve para nos refrescar, se o Tejo não nos serve para as esquadras, se o Tejo não serve senão para o *Pimpão*, e esse mesmo passa uma boa parte do seu tempo no dique, n'esse caso vendamos o Tejo, exportemos o Tejo. Como já quasi que não exportamos vinhos, exportemos as aguas. Quem quer por esse mundo um rio largo, immenso, com grandes recordações, e grandes mares, com um grande numero de esgotos e um grande numero de poesias lyricas, com o *Pimpão* e as Tagides? Vende-se barato tudo isto, meus senhores. A Inglaterra, que é o sr. Henrique Burnay das nações, a Inglaterra, que compra tudo, quer comprar o Tejo tambem? Manda-se-lhe bem acondicionadinho, dentro de latas com as poesias lyricas ao de cima e as Tagides ao fundo. Ah! se a Inglaterra nos comprasse o Tejo e o luar ao mesmo tempo! desde que entrou no paiz a escola realista, o luar está sendo de uma inutilidade assombrosa. É considerado até como obscuro, como provocador de immoralidades, como romantico. Quem nos troca o luar em schellings de prata e o Tejo aurifero em libras de ouro? Meus senhores, este luar foi quem inspirou a *Lua de Londres* e o *Amor e melancolia*, este luar é pae authentico da saudade, producto do nosso sólo, que em nenhum outro se encontra. Eramos conhecidos no mundo inteiro por termos o exclusivo do vinho do Porto e da saudade. Deu o phylloxera na saudade e nas vinhas. Antes que sejamos obrigados a liquidar, vamos sempre vendendo uma ultima porção de saudade que tinhamos em armazem, e toda a quantidade de luar que nos fôr possível obter. Se chegarmos a um accordo com os inglezes, podemos enviar-lhes de cá o seguinte, em conformidade com o inventario do sr. João de Lemos:

Os segredos que a meiga lua cá deixou ficar, e que não são coisa que se diga alto diante de pessoas decentes;

O brilho da mesma lua, podendo remetter-se ao mesmo tempo uma porção de tomilho, algumas fontes de crystal, a rosa e a mariposa.

As madeiras do bosque, um pouquinho despendeadas;

A terra, o céu e a natureza sem veu, podendo

levar o veu tambem só com o augmento das estampilhas;

Uma aldeia em noites de lua cheia;

As casinhas da serra, precedendo expropriação;

Não queremos em troca as vastas serras de tijolo, mas queremos gelo e libras. O nosso luar distribuido em acções dava um dinheirão em Inglaterra, e aqui desconsideram-n'o, insultam-n'o, desprezam-n'o. As misses inglezas, leitoras assíduas dos romances em tres volumes de miss Rhoda Broughton, ficavam satisfeitas se apanhassem dois schellings de luar, para tomarem com o seu *sweetheart*, como por cá se toma um sorvete de morango e leite. A exportação do Tejo podia dar um dinheiro louco, muito mais do que a de Lourenço Marques. E realmente era este o caso de fazer negocio. Pois para que nos serve elle? De dia não serve senão para nos impedir de irmos a Cacilhas montados em jumentos, de noite não faz senão pagar-nos em mau cheiro os presentes de adubo que generosamente lhe offer-tamos. Para os poetas da nova escola as Tagides procuram-se nas sargetas, para os habitantes em geral, a brisa do Tejo essa vão-n'a comprar por uma pratinha ao passeio publico onde a não ha; para os nossos navios de guerra basta o dique do Arsenal, para os navios que procuram o abrigo do nosso porto em occasião de temporal, é indifferente irem ao fundo no Tejo ou no rio de Sacavem. Portanto se elle não serve absolutamente para nada, nem para o fresco, nem para os passeios fluviales, nem para esquadras, nem para porto de abrigo, nem para poesias, vende-se juntamente com a lua, e podemos applicar uma parte do producto á compra de mais um trombone para a banda do sr. Gaspar, e de mais uns metros cubicos de gaz para a illuminação do Passeio.

PINHEIRO CHAGAS.

AS NOSSAS GRAVURAS

O PAPA LEÃO XIII.— Nas horas solemnes da sua existencia, a Igreja tem sempre sabido encontrar o vulto mais proprio para a dirigir e para guiar atravez das tempestades a quasi sobrada barca de S. Pedro. Em todo o decurso porém da sua existencia nunca atravessou a Igreja catholica tempos mais difficeis do que estes que vão correndo, em que é necessario para occupar a cadeira de S. Pedro, um heroe que saiba a um tempo ceder e resistir, um martyr que não faça apparato do martyrio, um santo que tenha em vez da aureola um sorriso indulgente.

A situação effectivamente é diffcil. Perdida a soberania temporal, o papa não tem ainda uma situação bem fixa e bem determinada no mundo catholico. Por melhor vontade que tenha, é-lhe diffcil viver em Roma, ao lado da realsa temporal, sem attritos, sem embaraços. E contudo não pode dizer-se ao mesmo tempo o «captivo do Vaticano». A Italia deixa-lhe ampla liberdade, fixa-lhe uma grande lista civil, e não lhe pede em troca nem a mais leve transigencia, nem a mais leve concessão. Se a Italia tratasse o pontifice brutalmente como fez Napoleão ao papa do seu tempo, o papel de Leão XIII seria facilimo, seria o papel de Pio VII, se o expulsasse como fez a republica, o papel seria ainda mais simples, seria o papel de Pio VI; a resignação do martyr,

a serenidade augusta do captivo, são virtudes tão facéis a um velho cardeal, que sobe ao throno dos papas! mas conservar-se n'um justo equilibrio entre a resistencia e a transigencia, evitar o ridiculo de um martyr fingido sem acceitar ao mesmo tempo o estado de cousas actual, conservar-se sereno, mas obstinadamente no Vaticano, sem alardear captivos, mas sem arredar pé do seu palacio, nem quando os medicos lhe ordenam que vá a Castel Gandolfo, manter, sem a mais leve transigencia, as tradições da Igreja Catholica, e ao mesmo tempo não affrontar as idéas modernas compatíveis com a religião, tem sido este o papel verdadeiramente notavel de Leão XIII, e a historia ha de louvar o tacto supremo, a suprema finura, a energia branda que elle tem sabido desenvolver em tão apertadas circumstancias.

Nascido em Carpinetto, uma pequena cidade montanhosa, onde se respiram uns ares fortificados e puros, Joaquim Pecci entrou na carreira ecclesiastica, e logo em 1837 foi nomeado prelado pelo papa Gregorio XVI, nuncio em Bruxellas, captou as sympathias d'aquelle grande rei constitucional, o primeiro Leopoldo, que deveu tambem ao seu tacto supremo a gloria do seu reinado. Aquelles dois finos espiritos comprehendiam-se admiravelmente. Da sua residencia em Bruxellas conta-se uma anedocta que passava por apocrypha, mas que hoje podemos considerar autentica, porque transparecem n'ella as finas qualidades do espirito do papa, a serenidade de animo, o tacto supremo, o espirito de resistencia mansa e sem apparato.

Um Marquez *voltairiano* e grosseiro, achou de bom gosto n'um jantar, á sobremesa, mostrar ao nuncio do papa uma caixa de rapé que elle tinha e em cujo tempo se via, na mais lubrica situação, uma Venus completamente nua.

Pecci recebeu, sem desconfiança, a caixa das mãos do Marquez, e ficou perfeitamente impassivel, ao vêr a figura obscena, enquanto o Marquez ria grosseiramente recostado na sua cadeira. Conservou a caixa um instante na mão, um instante apenas, o sufficiente para não parecer que se sobresaltava, depois, passando-a tranquillamente para o Marquez, perguntou serenamente, com um meio sorriso amavel e bondoso:

— É o retrato da senhora Marquiza?

Em 1857, Pecci foi creado cardeal por Pio IX. Em 1877 recebeu o alto cargo de camerlengo, e em 1878, tendo morrido Pio IX, foi eleito papa no terceiro scrutinio do conclave, que então se celebrou. Era o seu nome comtudo o que andava em todas as bocas: indicavam os intransigentes outro nome, mas os liberaes e os sensatos consideravam Pecci como o candidato preferivel.

Os acontecimentos tem confirmado plenamente as esperanças que n'elle se depositavam. As suas encyclicas têm sido um modelo de doutrina christã, e em geral de boa doutrina. A encyclica que escreveu a respeito do divorcio é por esse lado uma verdadeira obra prima. Tem sabido cohibir as demasias reaccionarias dos jesuitas, sem authorisar comtudo as heterodoxias do padre Curci, tem defendido a causa do ensino religioso em França, sem tirar das perseguições republicanas argumento para aconselhar o odio á república, tem procurado evitar todos os conflictos em Roma, e, se nem sempre o consegue, todos, até os adversarios, fazem justiça ás suas boas intenções e ao seu correcto procedimento.

Havia muito tempo comtudo que os acontecimentos do Vaticano não chamavam a attenção da Europa. Agora a trasladação do cadaver de Pio IX deu logar a conflictos graves, que podiam ter tomado um caracter ainda mais serio. Leão XIII queixou-se com moderação, por intermedio do seu secretario de Estado, o cardeal Jacobini. Da parte do Vaticano não houvera nem a mais leve provocação, se não houvera tambem nem a mais leve resistencia. O cadaver de Pio IX foi trasladado com a pompa indispensavel, e os inimigos do pontificado deveriam ter deixado passar em silencio o prestito solemne, como os catholicos tem obrigação de deixar passar em silencio os enterros civis. E esta é que é a liberdade religiosa. Caminhem livremente ao lado uns dos outros, entre os discursos, ou entre os canticos, á luz dos cirios ou á luz dos archotes, a perpetua dos livres pensadores e a cruz dos catholicos fieis. Não o comprehendem assim os liberaes romanos. D'ahi proveio o conflicto. As queixas do cardeal Jacobini despertaram a attenção da Europa. A Austria e a Hespanha offerecem a sua mediação para se chegar á adopção de um *modus vivendi* entre o Vaticano e a Italia. Acham-se n'este estado as coisas.

Aproveitamos a occasião para publicar um magnifico retrato do papa Leão XIII. Na sua bondosa physionomia lêem-se claramente as qualidades que notamos e a intelligencia luminosa e o espirito finissimo, a branda energia e a prudencia sem fraqueza. Além de tudo, Leão XIII é um erudito e um poeta. Os seus versos latinos lembram as melodias romanas do seculo dos ciceronianos. Seria Leão X, se visse no seculo XVI, mas a gloria de Leão XIII não será menos brilhante, e será mais pura, se chegar a obter uma justa conciliação entre a Igreja e o Estado moderno, entre o christianismo e a liberdade.

A AGULHA DE CLEOPATRA. — O obelisco de Luxor não deixava dormir a Inglaterra. A França obtivera do Egypto o que a Inglaterra não conseguira nunca, e a prosapia ingleza achava-se com isto um pouco amarrada. Ha quatro annos, aproveitou os embarços do Khediva para lhe pedir um monolitho qualquer. O Khediva offereceu-lhe a agulha de Cleopatra, e dava-lhe com todo o gosto as Pyramides, se fossem transportaveis e bem pagas. Mas a agulha de Cleopatra, simples presente de amizade, já não era de um transporte extremamente facil. Emfim, lá se construiu um navio *ad hoc*, metteu-se dentro a agulha, e o pequeno vapor *Olga* foi encarregado de a levar a reboque por esses mares fóra. Na bahia da Biscaya rebentaram temporaes, e o *Olga* vio-se em perigo de ir com a agulha de Cleopatra visitar o fundo do Oceano; em tão extremo perigo largou a agulha e safou-se. Um outro navio inglez, o *Fitz-James* encontrou este trambolho no meio do Oceano, agarrou n'elle e trouxe-o para o Ferrol. Grande festa em Inglaterra. Encontrou-se a agulha de Cleopatra. Mas o capitão da *Fitz-James* observou que, se é difficil encontrar agulha em palheiro, encontrar uma agulha no Oceano, ainda que seja a de Cleopatra, não é lá muito mais facil. A agulha foi pescada por elle, logo pertencia-lhe.

O governo inglez, se fosse esperto, o que devia ter feito era ter declarado que achava muito justas as reclamações do capitão, e que não pensava mais em semelhante agulha. O que faria o

desgraçado com esta agulha nos braços? O que faria elle a esse monolitho? Ninguém lh'o comprava para evitar questões com a Inglaterra. Onde poria elle a agulha de Cleopatra? N'um agulheiro para offerecer á sua noiva? No seu escriptorio á moda de *presse-papier*? Utilisal-o-hia como centro de mesa, como *breloque*? Um governo espirituoso entalava o desgraçado, o governo inglez, sempre um pouco mazorro, discutiu a questão de indemnisação, afinal pagou, e levou a agulha cujas aventuras não tinham sido menos complicadas do que as da Cleopatra que lhe dera o nome.

A PONTE DO TAY. — Esta ponte, uma das maravilhas da arte moderna, a ponte mais comprida que se tem construido, porque não tem menos de 3.200 metros, quer dizer approximadamente tres quartos de legua, foi theatro ha dois ou tres annos de um dos mais terribes desastres de que ha memoria nos annaes dos caminhos de ferro. Era uma noite procellosa e terrivel. O vento sobretudo attingira umas proporções de vendaval. Atravessava um comboio esta immensa ponte, quando a violencia do vento e não sabemos que descuido fatal fizeram descarrilar o comboio que desabou todo d'essa altura nas aguas do Tay, que se abriram para receber a sua lugubre presa, e que estenderam depois a sua liquida e revolta mortalha sobre os wagons despedaçados e a locomotiva extincta.

Não houvera senão um grito, um grito immenso composto dos clamores unisonos de centos de pessoas, que viam de subito apparecer-lhes a morte debaixo do seu aspecto mais tragico e mais horrivel.

Quando depois se fizeram pesquisas no fundo do rio, a descripção feita pelos mergulhadores que penetraram n'esse horrivel cemiterio subfluvial, fez correr um calafrio pelas veias de todos os que a leram. Encontraram por assim dizer surprehendidos em flagrante os dramas todos que se tinham passado n'esse momento unico de suprema e terrivel angustia.

Foi immensa e duradoura a impressão da catastrophe, maior que a do naufragio do vapor *Princeza Alice* nas aguas do Tamisa, defronte de Londres.

Esta admiravel ponte, agora duplamente celebre por ter sido theatro d'esta tragedia, custou 1375 contos de réis, é toda de ferro, tem oitenta e cinco pilares, sendo cinco de tijolos. O arco do meio eleva-se vinte e seis metros acima do nivel da agua.

A PARTIDA PARA A CIDADE. — Percebem a scena? Aquella gentil rapariga vae servir na cidade, e recebe da mãe os ultimas conselhos. No rosto da pobre mãe lê-se a preocupação profunda que lhe causa o ter de separar-se pela primeira vez da filha estremecida. Acautella-a contra os perigos a que vae expor-se, mas treme e tem rasão para tremer. Uma criada assim está exposta a mil tentações e a perseguições sem fim, e o seu olhar curioso e ardente, confessemol-o, não é tranquilizador. N'aquella bocca formosissima ha uns dentes cubicosos de se cravarem no fructo prohibido, e estejam certos de que, ainda que não seja costume dar-se na casa sobrezeza aos criados, essa maça não faltará quem lh'a offereça.

CADEIRA PONTIFICAL. — Esta formosa cadeira,

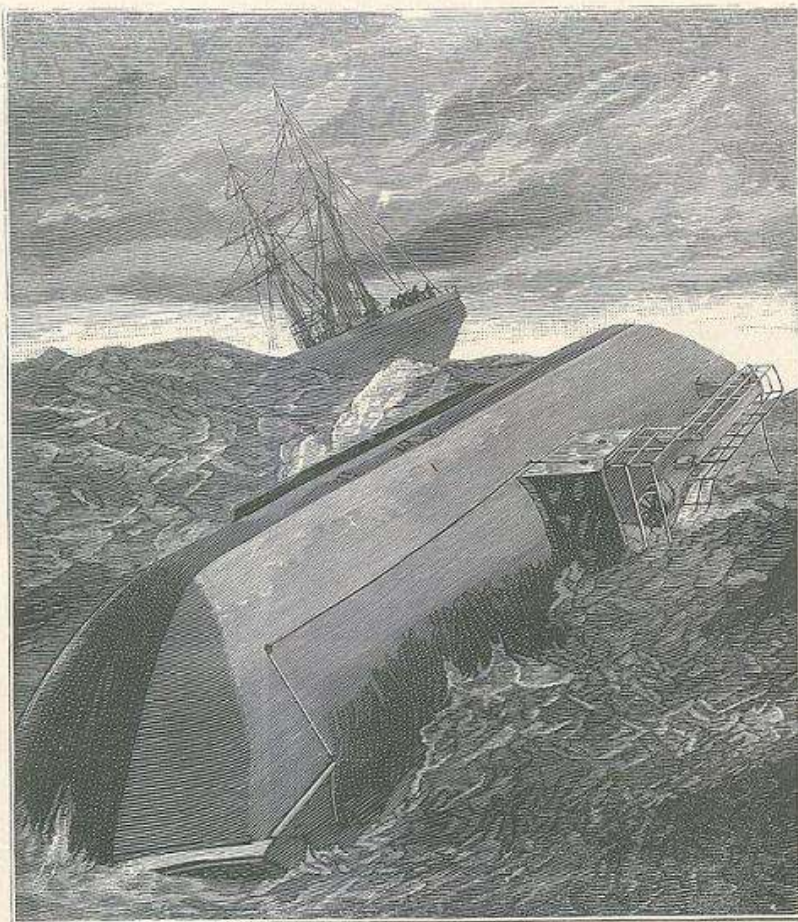
obra prima da arte francesa moderna, foi offerecida pelos peregrinos de Marselha, em 1877, ao papa Pio IX. Tem ao alto as armas dos Mastai-Ferretti, em baixo as de Marselha, de um lado e de outro os attributos do sacerdotio e do episcopado. Era um rico e formosissimo presente, que de pouco servio a Pio IX. Esperava-o já o repouso do ultimo leito.

O DOMINGO HISTÓRICO ¹

31 de julho de 1812 —
Nascimento da imperatriz do Brazil, D. Amelia.

O imperador do Brazil, D. Pedro I, tendo perdido, em 1826, a sua primeira esposa, a archidu-

¹ Modificamos o titulo d'esta secção, porque dando sempre as ephemerides do domingo, no decurso da existencia do jornal teremos dado todas as ephemerides do anno. Efectivamente, como é sabido, o domingo cae cada anno n'um dia differente do mez.

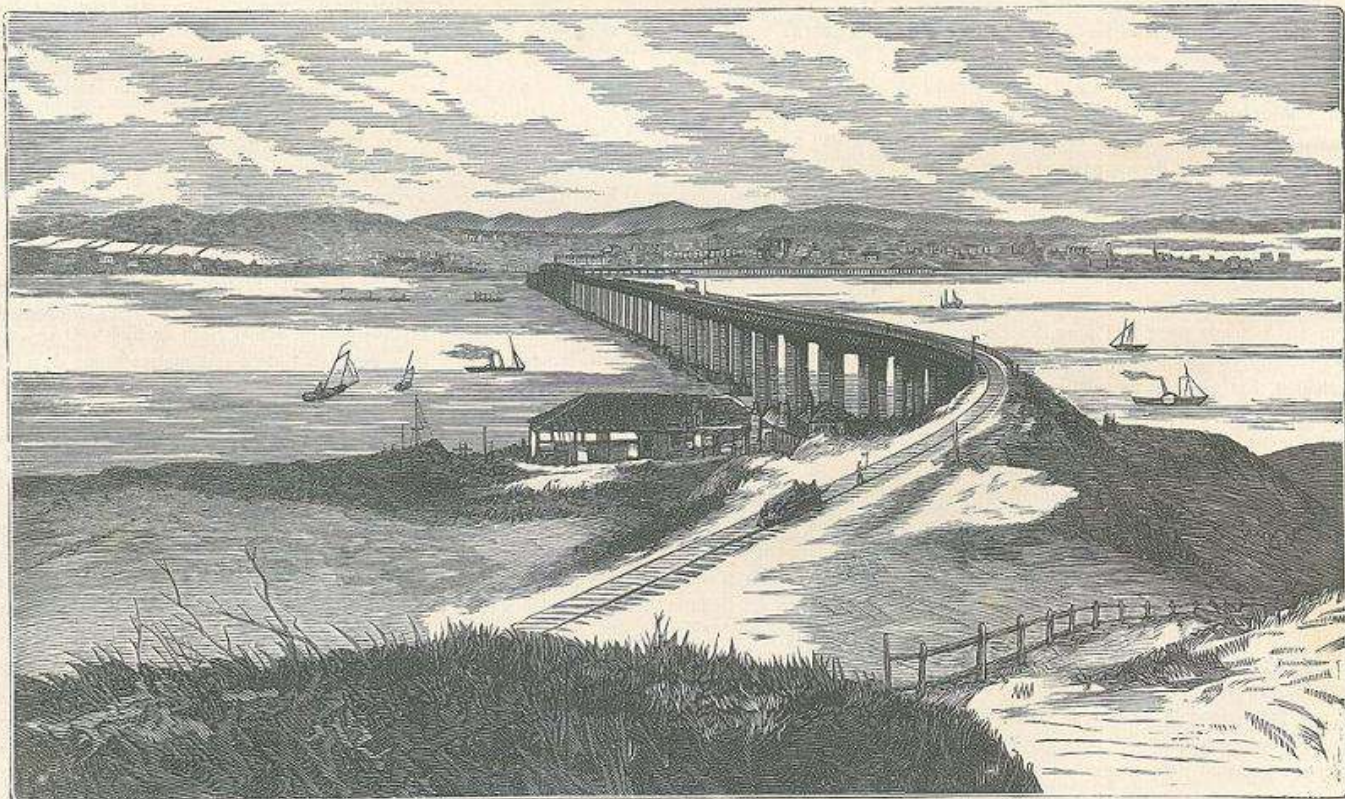


A AGULHA DE CLEOPATRA

queza d'Austria D. Maria Leopoldina, cindou de procurar nas côrtes da Europa uma nova consorte, e, encarregando d'essa missão o marquez de Barbacena, fixou-se a escolha d'este diplomata na casa de Leuchtemberg.

Depois das iadispensaveis negociações, procedeu-se, no dia 2 de agosto de 1829, ao tratado nupcial, e na capella do palacio de Leuchtemberg á cerimonia dos esponsaes de D. Pedro e da princeza D. Amelia Augusta Eugenia Napoleão.

Os paes da segunda imperatriz do Brazil eram o glorioso Eugenio de Beauharnais, duque de Leuchtemberg, filho da imperatriz dos francezes Josephina, e filho adoptivo do grande Napoleão, e a princeza Augusta Amelia, filha de Maximiliano I da Baviera, a qual, segundo diz Napoleão nas suas *Memorias*, era a mais virtuosa e mais formosa princesa do seu tempo.



A PONTE DO TAY

Effectuado o casamento por procuração, dirigiu-se a imperatriz para Ostende e d'ahi para Plymouth, onde embarcou para a America com sua enteada a rainha D. Maria II. Aportando ao Rio

o seu assombro n'um soneto que corre impresso.

Em 1831 o imperador, descendo os degraus do throno, abdicou em seu filho; e D. Amelia, embarcando com D. Pedro a bordo da fragata ingleza

Desembarcando com a rainha D. Maria II no meio de entusiasticas festas e ovações, foi no dia 24 com o duque de Bragança passar revista ás tropas que haviam ajudado o valente soldado



A PARTIDA PARA A CIDADE

de Janeiro, a 16 de outubro, realisaram-se na capital do Brazil festas esplendidas e sumptuosas, e D. Pedro, querendo demonstrar o seu jubilo, creou uma nova ordem, com o titulo da Rosa, para symbolisar o acto venturoso do seu consorcio, e deslumbrado, como todos os habitantes do Rio de Janeiro, pela extremada belleza de D. Amelia, patenteou

Volage, chegou ao porto de Cherburgo a 122 de junho.

Exceptuando uma pequena visita a Inglaterra, permaneceu em França até lhe chegar a noticia da entrada dos liberaes em Lisboa, e partindo então para o nosso paiz chegou ao Tejo a 222 de setembro de 1833.

na defesa da cidade invicta e que depois ás ordens do duque da Terceira haviam entrado na capital.

Quem diria á gentil princesa n'esse dia feliz, todo de regosijo e de alegrias, que um anno depois a morte havia de lhe levar o esposo querido?

A morte de D. Pedro foi para a neta de Josephina de Beauharnais um golpe crudelissimo, e, concentrando-se no seu lar, dedicou-se quasi exclusivamente, desde que cingiu os crepes da viuvez, a praticas caridosas e a obras de piedade.

A perda do esposo seguiu-se d'ahi a pouco a do irmão, que ella muito presava, o principe D. Augusto, primeiro marido de D. Maria II, e a unica filha que lhe restava do seu enlace com D. Pedro tambem a morte lh'a arrebatou, quando contava apenas 21 annos, em fevereiro de 1853.

A estes desgostos juntou-se depois o do fallecimento de D. Maria II, ainda n'esse mesmo anno, e os de D. Pedro V e seus irmãos em 1861, e todos esses golpes, ferindo-a no mais intimo da alma, roubando-lhe consecutivamente todos aquelles a quem a desditosa imperatriz mais estimava, acabaram por lhe comprometter melindrosamente a saude, até que falleceu, no palacio das Janellas Verdes d'esta cidade, onde residia, a 26 de janeiro de 1873.

A imperatriz dava do seu bolsinho avultado numero de esmolas; fundou na ilha da Madeira um hospital, protegeu desveladamente os asylos da infancia, e por sua morte deixou contemplados no testamento não só essas instituições, mas tambem muitas outras de igual natureza.

A. O.

PORTUGAL VELHO

II

O LUXO

Promettemos offerecer ao leitor alguns figurinos portuguezes do seculo XV, desempenhar-nos-hemos da promessa como nos fôr possível, e sirva de desculpa ás imperfeições d'este ligeiro trabalho, a grande escassez de materiaes para obras de similhante genero, embora tenham, como esta nossa, as proporções mais modestas.

Poucos paizes da Europa, muito poucos, terão desmaselado tanto, como o nosso, o estudo dos costumes nacionaes, creanças, instituições, festas, movimento do trabalho, usos tradicionaes, productos da industria e da arte, divisão das classes e relações entre si, privilegios, encargos, tudo enfim o que constitue a vida social de um povo, e sem o conhecimento da qual é absolutamente impossivel comprehender a sua historia.

Um notavel escriptor inglez dos principios d'este seculo, talvez o mais eloquente d'essa brilhante pleiada, que em nossos tempos iniciou a renovação de estudos historicos, tratando de escrever um dos mais interessantes periodos da historia patria, disse: «Tentarei fazer a historia do povo como a do governo, seguir os progressos das artes uteis e do luxo, explicar a origem das seitas religiosas e mudanças do gosto litterario, pintar os costumes das gerações successivas, sem mesmo desprezar as revoluções que se operaram no vestuario, mobilia, alimento e divertimentos publicos.»¹

Quem entre nós tentasse igual empresa, teria de gastar alguns annos em estudo perseverante, não por que faltem as noticias e informações

necessarias, mas por que se acham ainda disseminadas por inumeros livros, opusculos e folhas soltas: a maior parte completamente desconhecidas, por constarem de documentos enterrados nos archivos.

A tarefa a que nos propomos, como é restricta, porque nos limitamos a fazer menção de diferentes trajos de certas epochas, torna-se facil; cumprindo-nos, todavia, advertir o leitor de que decerto hade encontrar muitos nomes cuja significação ignora; para nos não perdermos em explicações que de ordinario mais servem para confundir, do que para esclarecer, preferimos antes dar no fim uma resenha, embora não seja completa, das diversas fazendas antigamente usadas no vestuario, e varias peças d'este.

Os documentos de que nos vamos agora servir são varias ordens do rei D. João II, para se darem vestidos a determinadas pessoas. Era esse o uso n'aquelle tempo: não só o rei, como os grandes senhores, davam aos seus familiares e serviaes, por occasião de festa, ou em certas epochas do anno, presentes de vestuario, a cada um segundo a sua cathedra.²

Chamavam-se a essas dadiyas *librés*, do vocabulo francez *livrée*, o qual foi nacionalisado não só por nós, como tambem pela Hespanha, Italia, e talvez ainda outras nações.

Obedecendo a esse uso tradicional, determinava o filho de Affonso V, no primeiro de abril de 1493, que se mandasse a *Excellente Senhora*, sua *Prima*, *eynte varas dollanda e oytro covodos de pano preto de vintem ou outro de sua sorte*; a 5 de dezembro do mesmo anno tambem a presenteava não só com meia onça *dalmizquir e outra mea dambar*, mas ainda com uma murça de lila preta, forrada d'arminhos e um manto de frisa.

Desçamos os degraus do throno e aproximemo-nos da fidalguia, observando como se vestiam as damas da corte. Eis aqui tres moças da camara da rainha: Branca de Proença, Isabel de Paiva e Izabel Cardoso.

A primeira traja abeto e manto de menim, cinta de londres e faldilha da mesma fazenda; as outras duas usam habito e mantilha de menim faldilha de londres e faxa, ou cinta de escarlata: Isabel de Paiva ostenta vaidosamente o seu sainho de veludo preto dobrado, e Isabel Cardoso o seu cof, tambem de veludo dobrado.

Outras fidalgas de menor consideração taes como Isabel Dias de Vivar e Violante Fogaça, filha de Affonso Nogueira, apenas trajam, a primeira mantilha e monay de menim, faxa e faldilha de londres, e a segunda mantilha, habito e cinta de londres, e faldilha dantona.

À escrava da rainha, Leonor Pereira, é permitido o luxo de uma faldilha dantona.

As escravas menos estimadas devem contentar-se com saynho, faldilha e cinta de panno de bristol, camizas de panno da terra, ou de estopa e biatilhas grossas.

Voltemo-nos para o sexo forte e feio... á portugueza. Eis aqui um tufal da primeira ordem, chama-se D. Duarte e é pagem do infante D.

Jorge; veste capuz, pelote e calças de londres jubam de setim, umas vezes, e outras de veludo dobrado, barrete preto e camisa de ciftanda. O pagem d'el-rei, D. Jorge de Menezes, esse então é que é janota a valer: em dias ordinarios, tabardo, pelote e celça de lila, jubam de velludo negro dobrado e barrete da mesma fazenda; em dias de grande gala bialandram de escarlata de londres, acarelado de retrós carmesim, com borlas e presilhas d'ouro e seda vermelha; pelote de escarlata, tambem acarelado de retrós, gibam de setim roxo e carapuça de veludo preto dobrado. Um lord!

Nos demais fidalgos havia muita variedade, observando-se o que os procuradores dos povos tinham lembrado a el-rei, nas côrtes de Evora; isto é, que nos vestuarios houvesse differença de fidalgo a fidalgo, de escudeiro a escudeiro, etc., cada um conforme o seu grão de nobresa.

Aqui temos nós o sobrinho de um balio, com o seu jubam de setim, pelote de veludo preto, capa galega, calça de lila roxa e barrete de veludo preto. Outro: o sr. Affonso, reposteiro, fidalgo, capuz, pelote, calça e carapuça dantona e gibam de chamalote. Mais outro: o sr. João de Binf, moço fidalgo, jubam de setim preto, pelote e carapuça de veludo preto dobrado, calças de menim, gabam de contrai frisado e camisa d'ollanda. Ainda outro, cujo nome ignoramos, mas que é moço fidalgo do infante D. Jorge: Gibão de setim roxo calças de menim, saio de momos de mytaão com seus pendentos de latas de flandes! Este vestuario foi dado, como uniforme, aos seis moços fidalgos do principe.

Agora dois sujeitos muito conhecidos, ambos doutores; nada menos que Vasco Fernandes de Lucena, e o celebre Cataldo; este regalou-se de pompear com o seu mantam, pelote e calças de menim, jubam de setim, e barrete da mesma fazenda; aquelle figurou com a sua opa de panno preto fino, forrada de setim tambem preto; pelote da mesma fazenda da opa, e jubam de setim preto, devidamente forrado.

Concluiremos por hoje apresentando ao leitor o sr. João d'Alhaide, escudeiro, vestindo capuz, pelote e calças de londres, jubam de setim e barrete preto.

No seguinte numero occupar-nos-hemos da ar-raia miuda.

DELFIN D'ALMEIDA.

HORAS DE OCIO

ENIGMA ANAGRAMMATICO

Formar com o nome de uma povoação de Portugal, que tem apenas cinco letras, nove palavras que signifiquem respectivamente:

- Um peixe.
- Um appellido.
- Um bosque.
- Dois terceiras pessoas de verbos portuguezes.
- Quatro segundas pessoas.

Um official inferior de cagalores 4.

ENBRULHADA HISTORICO-GEOGRAPHICA

Tirando uma letra a cada uma das seguintes cidades portuguezas, formar o nome de um heroe das nossas guerras indianas e do nosso dominio oriental:

Santarem, Aveiro, Leiria, Vizeu, Lisbon, Guarda, Castello Branco, Evora, Tavira, Silves, Bragança, Vianna do Castello,

¹ Macaulay, *Hist. da Ing. desde o reinado de Jacques II*, Intro. in princip.

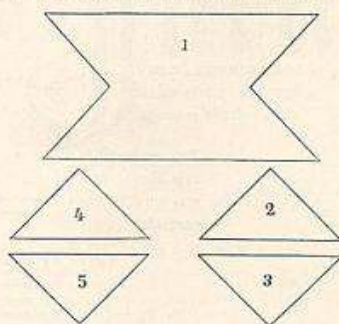
² Ainda ha muito poucos annos se usava no Minho, especialmente nas aldeias, o ser pago em bragal e calçado uma parte da soldada dos criados. Suppomos que este costume se acha hoje extinto. É de origem muito anterior á fundação das monarchias; occupam-se d'elle algumas ordenações antigas, mas ordinariamente era regulado pelo uso da localidade.

Pinhel, Braga, Coimbra, Miranda do Douro, Lamego, Elvas, Porto, Setúbal, Guimarães, Thomar.

Um assignante novo.

PROBLEMA GEOMETRICO

Com as cinco figuras seguintes formar uma cruz:



FANTASIA ARITMETICA

Achar cinco numeros que satisfaçam ás seguintes condições:

- 1.º Serem formados, cada um de tres algarismos, e formarem os cinco numeros uma progressão arithmetica.
- 2.º Ser a somma dos tres algarismos a mesma para todos os numeros.
- 3.º Multiplicando por nove essa somma e juntando-a aos cinco termos da progressão, obter-se uma nova progressão arithmetica, em que os termos se compoem de algarismos respectivamente iguaes aos da primeira, mas collocados em ordem inversa, quer dizer de modo que o das unidades na 2.ª é igual ao das centenas na 1.ª e o das centenas igual ao das unidades.

Observações. — Pedimos ás pessoas que nos enviarem qualquer especie de problemas, que nos enviem juntamente as soluções. Nem os publicaremos sem termos a chave em nosso poder, nem temos tempo de os estar a resolver.

ATRAVEZ DA SIBERIA

AVENTURAS EXTRAORDINARIAS DE TRES FUGITIVOS

por

Victor Tissot e Constant Améro

(Continuado de pag. 182)

Yegor ficou um instante silencioso, admirando a firmeza e coragem de Yermac, procurando o meio de contar com o silencio do chefe de policia sem recorrer a um crime.

— Nós podíamos matar-te, disse-lhe, podíamos amarrar-te a uma arvore... Serias devorado pelos ursos... Mas não queremos... Cumpriste o teu dever. Livre, eras para nós um obstaculo; por isso quizemos supprir-te! Agora que estás em nossas mãos, que a fatalidade te fez nosso prisioneiro, dás a tua palavra de que não procurarás fugir-nos?

— Não.

Singular character o de Yermac, que exercia as funções de homem de policia, desprezado de toda a sorte de paixões, sem ser animado pelo mais pequeno interesse. O dever! a lei! n'estas duas palavras cifrava-se para elle a vida, o mundo, a sociedade, todos os sentimentos e obrigações. A sua consciencia recta, limpa, sincera, proba, virgem de qualquer pensamento reservado, fizera d'elle o homem austero, impassivel, impenetravel, que temos observado. Fitava os adversarios, como o leão fita os seus, não se arrequeando da força nem do numero d'elles. Incapaz de esconder-se, de emboscar-se para sur-

prehender a presa na sua passagem e arremessar-se sobre ella de improviso, procedia com extrema lealdade, á luz do dia, até quando tratava com insurgentes rebeldes.

— Senhor chefe de policia de Yakutsk, disse finalmente o sr. Lafleur, a nossa maneira de encarar as questões é mui diversa da sua. Por consequencia, ha de resignar-se a acompanhar-nos até que julgemos a sua retirada indifferente ao plano, que traçamos. O meu amigo é nosso prisioneiro.

— Mas eu estou ferido!...

— Rasão mais forte! Eu o curarei. Não ha ferida que resista ao meu tratamento.

— Quem me ha de curar? um mestre de dança? um fabricante de chapéos e de vinho de Champagne?

— Comecei por herborista, senhor!... E dar-se-ha o caso de que o sr. Yermac não saiba quantos misteres tem um homem de exercer para governar a sua vida?! Diga-me uma cousa: não tem armas?

— Eu tinha uma carabina e pistolas, respondeu o chefe de policia, olhando para o lugar em que se ferira a lucta.

Apenas acabara de fallar, appareceu Ladislau trazendo ao hombro a carabina, e no cinto as pistolas, a que alludia Yermac.

— Guarda essas armas, rapaz, disse-lhe o sr. Lafleur.

— Visto isso, pretende desarmar-me, objectou Yermac. E todavia a minha segurança individual exige...

— Nós o protegeremos, respondem o mestre de dança.

— Ha de chegar o momento, sr. Yermac, addicionou Yegor, em que lhe hei de confiar a propria espingarda do governador, pedindo-lhe que lh'a entregue da minha parte com muitos agradecimentos. Se nós armassemos agora a nossa tenda? se preparassemos o nosso acampamento para a noite? disse elle, olhando para todos.

É que o dia estava quasi acabado e já se extinguia ao longe os ultimos clarões da floresta incendiada.

XII

— Olhe que está nosso prisioneiro... lembrese de que assim o declarou, disse ainda uma vez o sr. Lafleur, que desejava esclarecer bem as cousas.

— Pois bem; sou vosso prisioneiro... seja... respondeu Yermac resignado; mas, por isso, não deixam os quatro de ser prisioneiros do czar, presos, em flagrante delicto, por mim, Yermac, chefe de policia de Yakutsk... Os seus amigos, disse elle ao parisiense, são accusados de tentativa de evasão, e o sr. Lafleur auxilia-os.

— Ah! deixe estar que não hei de litigar nos tribunaes por esse facto, replicou o mestre de dança.

Não era facil organizar o acampamento para a noite. A neve principiava a cair. Á luz de uma lanterna, Yegor e Lafleur fizeram a cama de Nadege e de seu irmão adoptivo, em cima de uma rocha, empregando para isso as melhores pelles, que traziam. Algumas arvores novas dispostas como estacas, formaram o vigamento de um tecto muito baixo, que foi coberto com um panno grosso.

Enquanto se faziam estes preparativos, Nadege

tirou de um sacco, por felicidade salvo do desastre, uma farinha escura, e encheu metade de uma gamella de madeira. Deitou-lhe agua, que Ladislau foi buscar á torrente, e mexeu bem com uma colher; esta farinha, extrahida da aveia torrada e cuidadosamente escolhida, inchou, até trasbordar, e Nadege offereceu a cada um o quinhão, que lhe pertencia. Era um alimento agradavel, principalmente n'aquellas alturas.

Yegor, o parisiense e Yermac puderam facilmente embrulhar-se nas pelles, que ficaram á sua disposição. O cão Wab começou a andar á roda da tenda e dos corpos estendidos no chão. Com tão bom guarda podiam todos repousar das varias sensações do dia.

O primeiro que acordou foi o chefe de policia — viu os companheiros de dormitorio ao ar livre, formando uma pequena elevação debaixo da neve que os cobria, proporcionando-lhes, em compensação, um verdadeiro calor, como se estivessem deitados sob um lençol de pennas brancas.

Yermac, preocupado com a sua immobildade, sacudiu-os a ambos.

O sr. Lafleur teve difficuldade em despegar a cabeça do gelo, que a cercava. Appareceu debaixo da pittoresca imagem d'aquelle bom velhote chamado Inverno, como nol-o representam em dezembro os devancios dos confeiteiros parisienses, com o seu bonnet de lontra enterrado até aos olhos, e salpicado de neve, a cabelleira empoada de geadas, o nariz rubro, e as roupas enfarinhadas como as de um moleiro.

— Olá! exclamou elle sacudindo-se, bem se vê que não existe aqui perto um corpo de guarda, se o houvesse, um vagabundo, como eu, que fosse encontrado a dormir ao ar livre, e acordado pelo chefe de policia, havia com certeza de passar as noites seguintes «á sombra»!

Yermac conservava-se impassivel. Apesar de ter muitas dores no braço ferido pelo urso, não deixava perceber nada. O sr. Lafleur lembrou-se da ferida, e quiz pensal-a. O chefe de policia consentiu sem a menor difficuldade, sem dar a mais leve mostra de gratidão.

Quando o ex-herborista acabou, disse-lhe então:

— Creio que não pretendem ficar eternamente n'este lugar açoitado pelos ventos, exposto a todas as intemperies.

— Não, respondeu Yegor, intervindo apropriadamente. Esperamos um indigena, que mandámos a Zachiversk, e que nos ha de trazer duas «nartas»¹ picadas por boas rennas.

— Parece-me porém que me fazem confidante dos...

— Dos nossos projectos? Que importa! A sua lealdade, apesar da linguagem, em que hontem se exprimiu, é uma garantia de que posso fallar livremente na sua presença.

— Olhe que talvez falle com excessiva confiança...

— De certo, é uma confiança, a que temos direito, observou o parisiense, porque se não fossemos nós, talvez o sr. Yermac estivesse agora fazendo uma viagem pelo estomago do urso.

— Sim, sim, bem sei; estou ligado pelo reconhecimento...

(Continua)

¹ Nome com que se designam os trenós da Siberia.

CORRESPONDENCIA

A * * * (Pomba). — Se quer seguir o nosso conselho, guarde os versos. São íntimos, contam a história de uma paixão que uma menina lhe inspirou, narram os tormentos que ella lhe infligiu.

Estrella do meu céu,
ó pomba do meu lar,
que lhe mer'ci eu
p'ra assim me torturar?

São versos do coração para o coração, lêem-se á mulher amada no dia em que se reconciliam, ao pôr do sol, á perfumada sombra da laranjeira. Dizem-se-lhe essas coisas baixinho, que a não oia a brisa, que as não oia o rio, que as não oia mesmo o suave cantor das noites estreladas, o rouxinol que além na balzeira proxima começa a ensaiar a garganta para o primeiro acto das suas *Aídes*. E o que não devem ouvir nem o rouxinol, nem a brisa, nem as aguas palmeiras, quer o illustre poeta que li o oíam os assignantes do *Jornal do Domingo*? Oh! não! não profanemos estas íntimas affeições. Guarde os versos!

L. — Agradecemos as suas amabilidades. Não tem que receiar. Além d'isso, se ás vezes damos as explicações do motivo porque rejeitamos artigos que nos enviam n'um tom um pouco humorístico, isso não significa nem a mais leve desconsideração pelos seus authores. Queremos simplesmente dar a esta secção de «Expediente» um tom desenfastado e alegre. Devemos acrescentar que somos forçados a rejeitar um grande numero de artigos que se nos enviam, e que seriam aliás muito acceptaveis, em virtude das exigencias da nossa publicação. Um espaço limitado, um certo numero de artigos obrigados, necessidade de variar os outros, tudo isso nos força a adiar, ás vezes por largo tempo, artigos que aliás mereciam publicidade.

Victor Narceu. — Cumprimos a promessa, e abí vai a graciosa resposta que dirigio ás nossas observações:

Meu senhor,

Sou accusado
De espafifador da logica!
e vou tentar defender-me
sem maneira philologica.

Sou um novo D. Quichote.
Tenho tambem Dulcinea;
e defendo-a, inda que tenha
de apanhar nova tarefa.

Eu quero voltar aos tempos
das velhas cavallarias,
em que os homens se batiam
por inbecis ninharias.

Vamos pois sem mais demora
estabelecer a questão,
para assim em pratos limpos
pôr a minha defesa.

Disse eu que ella tinha a vida
amor e morte no olhar;
no sorriso as mesmas coisas,
Tudo isto vou provar.

Quando o olhar é tão meigo
como a estrella mais bonita,

recebo a vida feliz
do olhar da minha Annita.

Mas se por acaso é triste
peor do que isso, indifferente;
se não me dá logo a morte
faz-me soffrer cruelmente.

Quando um sorriso feliz
assoma n'aquelles labios,
dá-me vida. E p'ra saber
isto escusamos de sabios,

Se o sorriso é contrafeito,
direi mesmo amarellado,



CADEIRA PONTIFICAL

(isto é termo realista)
faz de mim um desgraçado.

Por isso matam, dão vida
o olhar d'ella e o sorriso.
Vou prova-lo em toda a parte,
ou no inferno ou em juizo.

Mas agora comparar
(p'ra mostrar muitas sciencias!!!...)
o sorriso e olhar d'Annita
a mestre de diligencias.

Fazer beziga dos versos
tregar a ideia tambem!
Isto é beziga de mais
não a admitto a ninguém.

Por isso juro por ella,
juro por tudo o que existe,
que se me troça mais versos
com tal graça e com tal chiste,

eu vou abí desesperado,
cavalgando o Rossinante,
talar campos e cidades
co'o meu pesado montante.

E se não se contradiz,
isto sem menor detença,
fique certo: está sujeito
a tão nefanda sentença.

Não me pretendo assignar
nem Elmano nem Dirceu,
mas um filhe das bacebantes
chamado

VICTOR NARCEU.

Os Pierrrots. — Já viram pela
solução do *Melegramma*, como se
mata essa especie nova de adivi-
nhações.

Mareello. — Nem por sombras
nos offendem, e se a nossa susce-
ptibilidade se melindrou ao de leve,
por nos parecer que o nosso cor-
respondente confundio um pouco o
homem e o escriptor, as suas ex-
plicações satisfizeram-nos e pe-
nhoraram-nos. Enviamos-lhe
d'aqui um cordial aperto de mão.

J. A. M. — Ainda não pôde ir
d'esta vez a pergunta a Eurico.

R. R. — Tíhamos recebido os
problemas. Irão alguns a seu tem-
po. Precisamos de variar um
pouco aquella secção.

SOBREMEZA

No tribunal.

O juiz (para uma teste-
munha). — Idade, minha se-
nhora?

A senhora. — Ponha v.
ex.^a a que quizer,

O juiz. — Bem, quaren-
ta e cinco annos. Profis-
são?

A senhora. — Perdão,
o lhe que se engana, tal-
vez n'uma dezena de an-
nos.

O juiz. — Bem! cincoenta
e cinco. Onde mora?

A senhora (batendo o pé).

— Mas, sr. juiz, juro-lhe que tenho apenas trinta
e cinco annos!

O juiz. — Emfim!

Ainda no tribunal.

O juiz. — O senhor é accusado de misturar
com o café que vendia substancias estranhas e
nocivas.

O réu. — É completamente falso, sr. juiz. No
café que eu vendia não havia café, e então como
é que eu o podia misturar com outras coisas?